



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ATALEIA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A greve dos jornalistas

Os argumentos aduzidos pelos empregados jornalísticos contra a atitude dos quadros redactoriais, agora em greve, revela da sua parte uma profunda ignorância dos factos e das circunstâncias sociais, da evolução mental que se vem operando depois da guerra. E' espantoso como esta gente que tem a responsabilidade de dirigir jornais e de orientar a opinião pública se não apercebeu ainda da transformação operada nas ideias como nas atitudes de algumas categorias de operários que até há pouco não tinham ainda marcado o seu lugar na batalha ingente que vai travada mundo fora e que dia dia, mercê de circunstâncias estranhas ao postulado socialista, mais se intensifica.

Se nos puzermos a tirar a um determinado alvo e entre a nossa carabina o esse alvo alguém se interpuser, por inconsciência ou por teimosia, é natural ser atingido pelo tiro que parte. E' esta a situação de algumas categorias sociais: os médicos, os engenheiros, os professores, os funcionários públicos, os militares graduados, etc.

Nos assaltos repetidos que o proletariado vem dando por toda a parte à cidadela capitalista, as classes interpostas hão de ser esmagadas se não tomarem o partido de auxiliar os atacantes. E' esta atitude, inelutavelmente, a que mais lhes convém e por isso ela se desenha entre nós como nos outros países. E esta atitude é-lhes determinada pelo ensinamento dos factos. Que lucraram essas classes da sua apatia, da sua quasi aliança com os directores de empresas financeiras, perante a batalha travada? Há seis anos que sentem perder o terreno.

Vejamos:

Antes da guerra os salários dos redactores de jornais oscilavam entre 30\$00 e 75\$00 mensais. Estes últimos eram excepcionais e, que sabemos, só no *Século* pagavam por esta forma aos redactores mais categorizados.

Actualmente há ainda salários de redactores de 45\$00, mas há-os também, excepcionalmente, de 40\$00.

A tarefa dos redactores de jornais é complexa. Há-os que só trabalham de noite, podendo de dia exercer outra profissão, e re-

ductores há que trabalham simultaneamente para dois e três jornais ou mais ainda.

Atendendo a esta complexidade de circunstâncias, não erramos computando o salário médio dos redactores em 40\$00, em 1914, em 150\$00, em 1921, ou seja, um aumento de 275 %. Esta percentagem está bem longe de corresponder à alta geral dos preços, como vamos demonstrar:

	1914	1921
Arroz.....	\$12	\$140
Açúcar.....	\$24	\$240
Azeite.....	\$30	\$500
Bacalhau.....	\$32	\$260
Batatas.....	\$03	\$44
Carne de vaca.....	\$40	\$380
Carne de porco.....	\$48	\$430
Carvão vegetal.....	\$03	\$22
Chouriço.....	\$68	\$640
Feijão.....	\$07	\$65
Grão.....	\$09	\$70
Manteiga.....	\$100	\$750
Massas.....	\$16	\$165
Ovos.....	\$24	\$240
Pão.....	\$09	\$70
Petróleo.....	\$10	\$140
Sabão.....	\$18	\$180
Toucinho.....	\$32	\$430
	4\$85	47\$86

Os preços das cousas subiram de 886 %. Para que os salários dos redactores acompanhassem o paralelismo absoluto a alta dos preços, seria preciso que a média dos seus salários fosse hoje de 394\$40 e ela está apenas em 150\$00, isto é, em menos, bastante menos de metade do que deveria ser.

Os redactores de jornais, que dispõem duma organização de classe deficiente e não tem espírito de luta e de resistência, viram os salários aumentados apenas em 275 %, ao passo que os quadros gráficos, animados do espírito de luta e de resistência, conseguiram aumentos de 500 %. Perante estes factos é natural que os jornalistas hajam compreendido, enfim, que nada lucraram nem lucarão com a sua atitude acomodaticia.

Não tenham ilusões. Não são só os jornalistas que hão de cair nos braços dos operários de officios manuais: hão de ser todas as outras categorias de operários intelectuais. E' a dolorosa experiencia, é o ensinamento dos factos que determina essa aliança e contra ela nada pode a doutrina agostinista exposta pelos empregados de jornais. Todo esse palavrado é poeira que o vento arrasta.

UMA FESTA OPERÁRIA

O Sindicato Unico das Classes Mobiliárias

O seu 1.º aniversário

Como temos noticiado, o Sindicato Unico das Classes Mobiliárias de Lisboa comemora hoje o seu 1.º aniversário, efectuando-se todos os seus componentes porque resulte brilhante a festa que levam a cabo.

Aquella sessão tem sido um dos que mais se tem sabido impôr pela sua coesão e pelo seu espírito elevado, devido à actividade que lhe tem sabido imprimir os seus militantes.

A's 14 horas realiza-se uma sessão solene, na qual farão uso da palavra delegados da União dos Sindicatos Operários, da Federação da Indústria do Mobiliário e os activos militantes do movimento operário Manuel Afonso, António Manuel Peixe, Perfeito de Carvalho e Cristiano Lima.

A's 20 horas, o camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., realizará uma conferência subordinada ao tema «A classe operária e a expropriação económica».

Salão dos Sindicatos Operários

Na sua reunião de ante-once, entre outros assuntos, resolveram fazer-se representar na sessão solene do Sindicato Unico das Classes Mobiliárias pelos camaradas Alberto Monteiro e Eusébio Tiago.

Em Espanha

A greve dos funcionários continuava no mesmo Estado

MADRID, 22.—O congresso de ontem aprovou uma moção de confiança ao governo afim de se solucionar a greve dos empregados de fazenda, tendo os mauristas abandonado a sala.

A greve continua no mesmo estado, declarando os grevistas que não solucionarão o conflito a demissão do ministro da fazenda Dominguez Pascual, mas a immediata derrogação do decreto que criou mais 150 lugares, com prejuizo para os seus vencimentos.

O sr. Dato foi a despacho com o rei, informando-o sobre a questão da fazenda. A' manhã haverá conselho de ministros. No senado foi introduzido como senador vitalício o general Perón, resolvendo a mesa do senado ir na segunda feira ao palácio. No congresso prossegue o exame das actas, aprovando-se algumas.—*Rádio.*

O sr. Dato foi a despacho com o rei, informando-o sobre a questão da fazenda. A' manhã haverá conselho de ministros. No senado foi introduzido como senador vitalício o general Perón, resolvendo a mesa do senado ir na segunda feira ao palácio. No congresso prossegue o exame das actas, aprovando-se algumas.—*Rádio.*

A Polónia e a Rússia

Espera-se que seja assinada a paz dentro de três semanas

VARSÓVIA, 22.—Há as mais optimistas esperanças acerca de um acordo entre a Polónia e a Rússia dos Sôviets, informando os meios officiaes que se chega a uma conclusão favorável em relação às condições da paz. Espera-se que será definitivamente assinada a paz dentro de três semanas.—*Rádio.*

Na Irlanda revolucionária

Serão transportados «inn-feiners» nos automóveis e ingleses

DUBLIN, 22.—O comandante da praça, por vários «inn-feiners» nos automóveis que transportam soldados ingleses, afirmou que aqueles seriam também vítimas de quaisquer agressões que a estes fossem feitas.—*Rádio.*

Uma patrulha atacada—Morreram seis polacos

LONDRES, 22.—Anunciaram do castelo de Dublin que uma patrulha de policia foi atacada por um bando armado em que morreram seis polacos e ficaram feridos dois atacantes, ignorando-se mais pormenores.

As autoridades militares de Dublin comunicam que se os ataques aos automóveis do governo continuarem, serão presos os mais conhecidos rebeldes, e levados como reféns para Londres.—*Rádio.*

KRASSINE

de passagem para Moscôvia, chegou a Estocolmo

ESTOCOLMO, 22.—Chegou Krassine que partirá amanhã para Moscôvia.—*Rádio.*

NA ARGENTINA

tem trigo para exportar

BUENOS AIRES, 21.—Segundo as primeiras indicações sobre a colheita de trigo da república Argentina, diporá esta, para exportação no ano corrente, de 3.275.475 toneladas daquele cereal. A quantidade de 164.466 toneladas representa o resto da colheita do ano anterior.—*Rádio.*

Conferência inter-sindical

Promove-a a União dos Sindicatos Operários do Porto

A União dos Sindicatos Operários do Porto acaba de tomar uma importante resolução: promover uma conferência inter-sindical.

Filia-se esta resolução na reconhecida necessidade de imprimir à organização operária uma orientação de harmonia com as formas progressivas da acção sindical, condicionando-as dentro da urgente actividade que convém desenvolver em face das contingências do momento histórico que atravessamos, e porque é de immediata vantagem «para a unificação do esforço proletário uma profunda, insistente e metódica propaganda de classe».

Na conferência tomarão parte todas as direcções das associações de classe, bem como todos os individuos com responsabilidades directas ou indirectas na organização operária.

A ordem dos trabalhos será a seguinte:

- 1.º Apreciar e definir a situação dos sindicatos perante a U. S. O. e a Confederação Geral do Trabalho.
- 2.º Representação à U. S. O.: a) nos sindicatos únicos de várias especialidades, um delegado por duas especialidades; b) nos sindicatos únicos de duas ou três especialidades, um delegado por cada uma; c) nos sindicatos de especialidades, dois delegados.
- 3.º Constituição dos conselhos técnicos de cada um dos quais sairá um delegado à U. S. O.
- 4.º Fixação a dar à U. S. O., e a sua viabilidade.
- 5.º Necessidade de todos os elementos dispersos ingressarem nos respectivos sindicatos.
- 6.º Apreciar a situação das classes liberais perante o sindicalismo.

As sessões realizam-se nos dias 30 e 31.

Lama...

O *Tempo*, órgão do sr. Simão Laboreiro, publicava no seu número de ante-once um artigo, com as iniciais do seu director, em que, pretendendo alvejar o sr. Cunha Leal e Soto Maior—e ele lá sabe porque—acusava os trabalhadores dos jornais, ora em greve, de estarem fazendo o jogo daqueles senhores. Ia, porém, mais longe porque, confundindo e calculando, permitia-se afirmar que também a C. G. T. está confundida, para qualquer maquiavelismo plano, com os mesmos individuos e ainda com o sr. Alvaro de Castro.

Sobre a parte que se refere aos trabalhadores dos jornais, já o nosso presado colega *A Imprensa de Lisboa* deu a devida resposta. Nós diremos que não merece o *Tempo* um repto de *A Batalha*, como órgão que somos da C. G. T. Entretanto permitia-se-nos que manifestemos a nossa repugnância pelos bellos processos de combate habitualmente adoptados pelo órgão do sr. Laboreiro, pois o jornal que recorre a tam, via expedientes desse modo. Roça mesmo pela lama.

«Imprensa de Lisboa»

Aos quadros tipográficos

A edição da tarde fica hoje a cargo do quadro da «Luta», reforçado com os elementos do «Diário de Notícias» que ainda não tabalharam.

A edição da manhã será composta pelo quadro da «Situação», auxiliado pelos elementos do «Século» que ainda não foram escalados.

Associação Anti-Alcoólica Operária

Reiniciam as dias a comissão organizadora que estudou o projecto de estatutos e outros assuntos internos tendentes à expansão dos princípios moralizadores, ligênicos e sociais da nova agremiação operária contra o alcoolismo, à qual pede aderir qualquer individuo sem distincção de sexo, profissão e ideal.

Na próxima semana o propagandista Lion de Castro, da comissão organizadora realizará uma conferência de propaganda anti-alcoólica a que o operariado não deverá faltar.

A correspondência deve dirigir-se à comissão, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

A indústria de tanoaria

Como ha dias dissemos, uma comissão composta de delegados das Associações de Classe dos Tanoeiros de Lisboa, Porto e Almada, entrevistou o ministro das finanças sobre o vazilhame de tanoagem. Depois dessa entrevista, reuniu aquela comissão com os exportadores de vinhos, que acordaram no seguinte:

1.º Não haver dúbida alguma no respectivo à prorrogação do prazo para a reexportação da cascaria estrangeira existente no país à data do ultimo decreto.

2.º 48 horas depois da publicação do decreto regulando a reimportação e reexportação de vazilhame, não é mais permitido o trânsito no país de vazilhame estrangeiro aqui existente, a não ser directamente para bordo;

3.º Exceptua-se a cascaria estrangeira existente nas adegas dos lavradores, de modo de regressar cheia ou vazia aos armazens, immediatamente, no prazo de 60 dias.

Não chegaram a acordo as duas partes no referente à prorrogação do prazo para a reimportação de vazilhame nacional.

A GREVE

DOS

TRABALHADORES DOS JORNAIS

Uma comissão de personalidades estranhas ao conflito procura uma solução conciliatória

Um grupo de jornalistas alheios à greve e às empresas pediu a algumas personalidades, que são os srs. Machado Santos, dr. Jaime Cortezão, Bartolomeu Severino e Jorge Nunes, que se avistassem com as empresas e com os grevistas, afim de ver se chegava a uma solução conciliatória.

Esta comissão começou as suas démarches por procurar os directores dos jornais, avistando-se depois com a comissão executiva pró-aumento de salário. Do que se passou nesta última entrevista dá-nos conta a seguinte nota officiosa:

A convite de alguns jornalistas que o *Jornal* diz estarem com as empresas, mas cuja conduta tem sido de imparcialidade, embora de simpática pelos camaradas, os srs. Machado Santos, dr. Jaime Cortezão, Bartolomeu Severino e Jorge Nunes prestaram a servir de intermediários no conflito, tendo-se aproximado de ambas as partes em litigio.

Numa conferencia havia esta tarde entre os três primeiros dos conhecidos senhores e a comissão executiva do movimento trocaram-se demoradas explicações de ordem geral, parecendo que os intermediários chegaram ao conhecimento de que a greve jornalística não foi inspirada pela C. G. T. como não tem qualquer afinidade com bolchevismo e apenas obedece a necessidades de carácter económico e profissional.

A' noite, a comissão mediadora voltou a entrevistar-se com as empresas.

Um manifesto

Os redactores dos jornais distribuíram ontem ao principio da noite, pelas ruas da Baixa um manifesto assinado pela Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa explicando as razões da greve e em que, entre outras revelações que o publico desconhece, diz das empresas jornalísticas o seguinte:

A guerra criou necessidades maiores do que as que já existiam. A vida, de pessima transformou-se em horrorosa. Todas as classes reclamaram e pediram. Todas viam a situação de guerra e as suas reclamações. A nossa, porém, a despeito da sua filiação na Federação do Livro e do *Jornal*, quiz, ainda numa reserva imposta pelos factos, não se deixar levar por um momento por um colega que é hoje patrão e dirigente—o sr. Jorge de Abreu, director do *Primeiro de Janeiro*, do Porto—reclamando a situação de guerra e as suas reclamações. A nossa, porém, a despeito da sua filiação na Federação do Livro e do *Jornal*, quiz, ainda numa reserva imposta pelos factos, não se deixar levar por um momento por um colega que é hoje patrão e dirigente—o sr. Jorge de Abreu, director do *Primeiro de Janeiro*, do Porto—reclamando a situação de guerra e as suas reclamações.

Os chefes de redacção do *Jornal* O *Tempo*, sr. Mimoso Ruiz, em virtude de quele jornal se fazem em insinuações de que *A Imprensa de Lisboa* era orientada pelo sr. Cunha Leal, escreveu uma carta ao director do referido periódico protestando contra tais afirmações e demitindo-se, visto ser um dos mais assíduos colaboradores do jornal do pessoal em greve.

Um amigo de Peniche

O sr. Jorge de Abreu, director de *O Primeiro de Janeiro*, escreve no seu jornal um artigo a que pôs os seguintes titulos: *Palavras de amigo e colega* (aos jornalistas em greve).

Demo-nos ao trabalho de ler o artigo de fio a pavio, e em verdade dizemos que nem uma só palavra de amizade para os seus antigos colegas o sr. Jorge de Abreu se dignou escrever. Desde a primeira linha a última, o sr. Jorge de Abreu dedica o seu artigo a censurar os seus antigos colegas por se terem solidarizado com os gráficos e os distribuidores de jornais.

E' bem acertado o ditado popular: *Não peças a quem pediu; não sirvas a quem serviu...*

O caso de «A Vanguarda»

O órgão dos industriais do jornalismo, publicando, no seu número de ante-once, uns telegramas enviados pelo director de *A Vanguarda*, ex-impresário tipográfico, ex-socialista e actual sidonista, fazia votos porque *A Batalha* inserisse a rectificação sobre o que dissera em relação ao facto do sr. Luis Deronet ter avogado o papel de representante daquele jornal junto dos referidos industriais do jornalismo.

Quem tem o dever de fazer qualquer rectificação é a própria *Vanguarda*, uma vez que nós não inventamos nada, tendo-nos feito apenas eco das declarações sobre o assunto publicadas nesse jornal, que nos limitamos a comentar.

De resto, estavam tam pouco seguros os industriais do jornalismo da solidariedade do director de *A Vanguarda*, que havendo o sr. Deronet assinado, como representante da mesma folha, o officio enviado à comissão dos trabalhadores dos jornais e a declaração que determinou a greve, o seu nome, em tal qualidade, não figura no manifesto que a seguir publicaram os donos dos jornais, o que é sintomático.

Quando ontem, sábado, os tipógrafos do quadro de *A Situação* se dirigiram à administração daquele jornal para receber as suas férias correspondentes a três dias de trabalho, foi-lhes respondido pelo director sr. Feliciano da Costa que não tinha dinheiro para lhes pagar, prometendo, no entanto, fazê-lo na terça feira proxima.

Lêde «A Imprensa de Lisboa», órgão dos nossos camaradas trabalhadores de jornais.

Fazei boicotagem a «O Jornal», órgão das empresas jornalísticas.

DEBATE DE OPINIÕES

«Bate, mas ouve!»

Assim falava Thenistocles a Euríbiades, em Salamina

Eu não tenho a preocupação de agra-

tar a extremistas ou moderados. Nada pretendo da classe operária: nem postos de comando, nem aplausos. Conheço suficientemente a classe operária do meu país para saber quão frágil é a matéria com que constrói os altares em que coloca os seus heróis. Eu não me iludo e menos ainda pretendo ludibiar alguém. Por isso a minha linguagem tem sido e será irreverente. Hei de ir até ao fim, dizendo tudo o que a minha consciência segrega que não cale.

Já o disse nestes artigos, que *A Batalha* obsequiosamente vem publicando, que eu não aceito um sistema politico que seja a negação de todo o principio da autoridade: o socialismo libertário. Já disse que se deve caminhar para um estado de cousas em que se aplique, dentro das possibilidades que se nos proporcionarem, muito do que é humano, justo e racional, da fórmula comunista, mas que, disse-o também, considero irreconciliável a applicação integral e immediata dessa fórmula.

A humanidade é má. No intimo de cada um de nós dormita uma fera que quando desperta escancara as mandíbulas para dilacerar o proximo. A criança, mal nascida ainda, começa por desejar o que a outra criança tem. Bate-lhe, rouba o brinquedo, se o puder fazer. Já rapazola, o seu maior prazer é fazer *partida* aos outros, apedrejar os gatos, arrelhar os velhos.

O homem é naturalmente egoísta. Deseja alcançar o seu bem-estar a todo preço, não se importando de calcar os outros. As excepções são tam raras que só de século em século aparece um B. Vicente de Paula. Eu sou tam bom como os outros, pois se alguém me der uma bofetada na face esquerda não devo esperar que lhe ofereça a direita, para que repita a façanha. Defender-me hei lá dentada, até, se de outros meios mais contundentes não puder lançar mão.

A humanidade é isto. E' com esta humanidade que se tem de fazer a revolução. Parece que não vêm as coisas por este prisma certos apóstolos da revolução social. Eles julgam que terão alcançado uma humanidade novinha em folha, apta ao convívio pacato em sociedade, sem nenhum meio coercivo, apta a concorrer, segundo as suas forças, para o património colectivo e podendo consumir segundo as suas necessidades.

Há quem fale na supressão immediata do salaríado e no estabelecimento duma remuneração igual para todos os individuos, quesejam que sejam as suas aptidões. E' claro que os defensores destas teorias não explicam a possibilidade e a conveniência da pratica destes principios. Defendendo-os não apresentam outras razões que não sejam as de natureza sentimental. Tem por isso mesmo muito maior facilidade em encontrar o aplauso da massa inconsciente do que eu, que não prometo

tanto. Eu não oculto nomes. Cada um deve ficar com as responsabilidades que lhe compete, amarrado a elas como a um pelourinho. Um dos que fala assim é Campos Lima.

Se o operariado quizer uma sociedade ideal, sem autoridade, sem salaríado, com um nivelamento igualitário absoluto pelo que respeita à partilha dos benefícios do trabalho, já sabe que se não tem que entender comigo, que considero tal sistema inviolável.

A situação nacional é o que há de mais melindroso, de mais inseguro, de mais enigmático. Não há possibilidade, em regime burguês, de resolver a situação financeira no estado agudo a que ela chegou. O deficit orçamental ultrapassa já os 300.000 contos. O aumento das contribuições não dá sequer metade daquela quantia, dado que o contribuinte não faça greve. Só a força publica leva-nos 135.000 contos. O funcionalismo civil cerca de 90.000. Qual é o governo burguês que tem audácia para comprimir estas despesas? Com a divisa cambial a 5/78 e tendo de importar 200.000 toneladas de trigo e 800.000 de carvão, afora outras substancias alimenticias e matérias primas para as indústrias, o deficit da nossa balança comercial irá a 400.000 contos, pouco mais, pouco menos. E' uma situação insustentável. Isto dá um estouro.

E' muito possível, pois, que os socialistas portugueses estejam mais próximos do poder do que supõem. A não ser...

E então veremos como Campos Lima e tantos outros resolvem o problema português. Desgraçados, que terão de escolher entre o suicidio e a fuga.

Há muito quem não queira fazer o menor sacrificio das suas afirmações anteriores. Eu farei, pelo contrario, todos os sacrificios possíveis para assegurar a estabilidade da revolução. Cedendo embora, farei quanto em minhas forças caiba para que todos os socialistas, mas todos e até os simples simpatizantes, nela colaborem e lhe deem o melhor do seu esforço.

E também pode ser que os que se colocam nos pontos doutrinaes extremos, sem nada querer ceder, esperem que a multidão se aperceba do seu afastamento do campo das realidades e com eles não contem, ficando-lhes assim reservada a tarefa fácil de criticarem a acção daqueles que alguma coisa pretendem realizar. Serão eles, os impotentes, quanto a realizações, os censores da acção alheia. Que bom proveito lhes faça.

J. Carlos RATES

AMANHÃ:

O que faz a força dos politicos

Artigo de Emilio COSTA

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

A intriga Inglesa na Turquia não obtém sucesso

MOSCÓVIA, 9.—Karzin—Karabekir Pachá, comandante da frente do exercito turco, transmitiu à missão russa em Erivan, a cópia do telegrama seguinte, que lhe recebeu do governo de Angora:

«Segundo informações de proveniências diversas, os ingleses tentam, por todos os meios, semear a discórdia entre nós e o mundo musulmano e ainda entre nós e os bolchevistas. Esperam, graças a esta manobra, enfraquecer-nos. Empregam para esse efeito toda a espécie de noticias tendenciosas, das quais cito esta: «Os ingleses prometeram nos Azerbaidchan, se fizermos guerra a seu lado contra os bolchevistas. Ficam autorizados a desmentir estes boatos, por todas as formas, que vos pareçam boas».

Todas estas noticias foram espalhadas por agentes deste país e é possível que ellas tenham a sua origem no facto dos franceses que se encontram numa situação difficil e se esforçam por ganhar tempo, nos terem feito propostas de armistício.

Agentes britânicos occupam-se em fazer espalhar acerca destas negociações boatos tendenciosos esperando assim provocar hostilidades entre nós e a Rússia. Eis a situação como ela se apresenta a nossos olhos. Causa espanto ver que ainda se encontre gente a quem as maquinações inglesas podem fazer acreditar que o povo turco pode concluir com os imperialistas um acordo que ponha a sua existência em perigo. (a) *Achmed Mukhtar, commissário do povo dos negócios estrangeiros.*

Camara Municipal de Lisboa

devido à falta de carne de gado bovino.

Pessoal do município de Lisboa

O aumento de subvenção ao pessoal burocrático da Câmara equiparando-o ao do Estado, com exclusão do imposto do rendimento que terão de continuar a sofrer nos seus vencimentos, e o aumento de 100 0/0 sobre a subvenção do pessoal operário e jornalero, votados na última sessão da Câmara, vigoram desde 1 do corrente mês, mas só poderão ser pagos quando estiver aprovado o orçamento ordinário da receita e despesa do corrente ano, que em breve deve ser apresentado à Câmara, a qual o remeterá à comissão de finanças, que conforme o seu costume o examinará rapidamente, emitindo o seu parecer, que é o documento sobre o qual a discussão e votação deve incidir.

As subvenções quanto ao pessoal inabilitado são reduzidas a metade. Ao pessoal reformado da Caixa de Socorros e Reformas dos Operários é mantida a subvenção diária de 32,5 centavos.

EM TOURS
CONGRESSO NACIONAL
DO
Partido Socialista Francês

E Longuet prossegue:
—Peço aos delegados da província que votem a adesão com a morte na alma, apenas porque tem um mandato imperativo, que meditem neste facto. O despacho de Zinovieff, lido esta manhã, é um almirante do que vos espera depois da adesão, mas, camaradas, estou esgotado e peço-vos que me permitais uma interrupção. Continuarei amanhã.

A sessão encerra-se às 20 horas, resolvendo-se que o dia seguinte fosse consagrado à discussão sobre a III Internacional.

DIA 29
A sessão da manhã
Longuet prossegue

Jean Longuet continua o seu discurso, interrompido na véspera. Não é contrário à adesão à III Internacional, mas quer que lá se ingresse com a intenção de fazer dela verdadeiramente a organização do socialismo internacional, um vasto templo e não uma capelinha.

Tribunal de Defesa Social
Os julgamentos de ontem

Começou ontem a funcionar, no quartel da guarda republicana de Campolide, o tribunal de defesa social, assim uma espécie de praça de guerra, com o intuito talvez de aterrizagem aqueles que ali serão julgados.

Nas mediações, e até a grande distância do quartel, como que em estado de sítio, patrulhas a cavalo e a pé da guarda republicana passeavam, olhos em alvo, não fosse surgir algum terrível gênio mau das profundezas da terra e praticar diabruras. E para que a scena fosse mais negra, ergue-se ao lado do tenebroso edifício da Penitenciária, para onde a desigualdade social tantas vítimas tem lançado, algumas inocentes, que lentamente vão definindo ao peso das injustiças humanas.

Entrando no quartel, só se topavam soldados armados e policiais. A sala do tribunal encontrava-se cheia de povo, de militares e policiais, que velavam decerto pela ordem.

E' que se procedia ao julgamento dos acusados do atentado dinamitista da rua Augusta, quando do cortejo ao governo do falecido coronel Baptista, em número de sete, e de Francisco Duarte de Moura, também acusado do lançamento de uma bomba contra a sapataria Gentil.

Em abono da verdade deve dizer-se que o aspecto do tribunal não era tam carancoso como devia julgar-se pelo aparato bélico que se notava exteriormente.

As figuras que presidiam punham num certo alvoroço não só os acusados como os assistentes. Homens novos, dois pelo menos, que, com franqueza, não tem cara de juizes, ocupam aquele lugar, um lugar, pouco agradável e pouco simpático, a contrastar com as suas fisionomias um tanto ou quanto atraentes. Poderemos estar em erro, mas foi o que a nossa observação pôde apreender logo que ali entramos.

O julgamento

Após o interrogatório dos acusados Américo Santos, Carlos Santos, António Ferreira, Samuel Monteiro, José Manuel, João Francisco e Adriano dos Reis, sobre a sua complicitação no atentado da rua Augusta, a qual todos negaram, seguiu-se o depoimento das testemunhas de acusação.

David Rodrigues afirma ter visto Américo Santos tirar duma das algebras um embrulho que atirou a frente da manifestação e explodiu; o que o perseguia e agarrou, tendo-se-lhe Carlos Santos lançado sobre os ombros no intuito de dar liberdade ao Américo.

A testemunha António Joaquim Ferreira, alteres, faltou, tendo sido lido o depoimento respectivo.

António Simões Paquete ouviu o estalido duma bomba, não sabendo, porém, quem a lançou, e José de Almeida não viu deitar bomba alguma.

A testemunha Vasconcelos diz que prendeu Carlos Santos, porque lhe disseram que ele também era; que ouviu três estalidos; e quando lhe disseram para indicar qual dos acusados seria o Américo Santos, a testemunha apontou um outro.

Carlos António Sequeira afirma que José Manuel lançou um volume que tirou da algeibra e explodiu, fugindo em seguida, mas a testemunha predece-o.

O acusado, pedindo licença ao presidente do tribunal, nega as afirmações feitas por esta testemunha.

Depois a seguir José de Assunção Costa, militar. Diz primeiro que não sabe quem arremessou as bombas; depois de instado, afirma que foi o José Manuel, a quem prendeu por ordem dum alferes que se não o dissera desde logo, era por recelo, pois o haviam ameaçado. Uma confusão, não se saído quando falava verdade.

A última testemunha de acusação João Germano da Silva, que diz ter visto um indivíduo lançar um embrulho, que explodiu, mas não reconhece esse indivíduo em nenhum dos acusados.

Em seguida denpõem as testemunhas de defesa, tendo algumas sido dispensadas. Garantem todas o bom comportamento dos acusados, declarando terem alguns destes tomado parte no assalto a Monsanto quando da tentativa monárquica.

Depois dum intervalo de meia hora, fez uso da palavra o advogado de Américo Santos e José Manuel, dr. sr. Saldura Cabral, que, depois de saudar o tribunal, diz que a desorganização que lava em todo o país, a atmosfera que pesa sobre todos, tem dado lugar a casos estranhos que se evitam se porventura houvesse mais ponderação na situação anormal que atravessamos. Refere-se aos seus consti-

tários. Pergunto-lhes se se lembraram das suas declarações. Chamaram-me para ficar no partido, e este chamamento dirige-se evidentemente a todos os que me acompanharam na mesma luta durante a guerra. Mas é preciso também que fiquem no Partido homens cuja consciência e inteligência são necessárias ao socialismo, tais como Bracke, Sembat e Blum (aplausos).

Se, infelizmente, a sessão sair deste congresso, se o edifício edificou em vinte anos de esforços desabar, haverá amanhã quatro ou cinco partidos em França, demonstra-o a experiência dos outros países. As direitas irão decerto para o reformismo, e a esquerda para o impossibilismo anarquista. A despeito das promessas de cortesia trocadas entre Blum e Frossard, ninguém duvida que se travará a luta fratricida, luta à navalha, de que só o proletariado sairá vítima.

Blum disse-nos que queria guardar a casa enquanto o Partido corria aventuras. O melhor meio de guardar a casa é ficar nela, e não fazer cá um partido comunista que já não será o partido de Jaurès, e lá um partido das direitas que também não será o partido de Jaurès.

Longuet não pode admitir o telegrama do Comité executivo de Moscúia chegado ao congresso na véspera, pois considera-o um ultrage e uma provocação.

O Partido que tem atrás de si, desde Gracchus Babeuf, uma lista de mártires, não necessita de ir a Moscúia de barão ao peçoço e cinza na cabeça. Pode e deve ir alviva e livremente.

Longuet é muito aplaudido pelos seus partidários ao terminar o seu discurso.

Vaillant-Couturier

Vaillant-Couturier presta primeira homenagem à clareza da moção de Blum e Bracke. Esta exprime aliás o pensamento dumha boa parte do grupo parlamentar.

—A moção Longuet é menos clara. Intitula-se moção de adesão com reservas, mas não se sabe se nela preponde o desejo de aderir ou as reservas à adesão.

O orador mostra que, seja qual for o resultado dos debates, a sorte do partido está em jogo. —A sessão vai permitir às direitas fazerem politica de acordo republicano. Olhai Blum aprovando-me...

Blum.—Nada disso, Vaillant-Couturier. Sorrii apenas.

O orador lembra que o grupo parlamentar conta numerosos partidários do bloco republicano. Dizem-lhe que entre os comunistas os há também.

—São raras excepções, condenadas pelo conjunto da maioria.

Vaillant-Couturier examina se se pode pretender ir a Moscúia passando por Viena. Lê e comenta algumas passagens do manifesto de Berne. Crítica em seguida o espírito de conciliação, mostrando que a burguesia o cultivava cuidadosamente.

—As polémicas recentes de l'Humanité testemunharam a esterilidade du-

ma política impregnada deste espírito (aplausos).

Vaillant-Couturier evoca a revolução mundial. Afirma a vontade dos comunistas de salvar da opressão as populações indígenas. O orador defende em seguida os partidários da III Internacional da acusação de fanatismo.

—Estranha-se que falemos do espírito burguesado dos nossos adversários. Esse espírito é feito do vosso scepticismo, do vosso derrotismo (aplausos).

Porque procurais desanimar-nos? Lembrai-vos, porém, os riscos que iremos correr com a nossa acção. E' por termos visto esses riscos que queremos ter um partido fortemente centrado; é por isso que queremos extirpar esse espírito burguesado que, no dia do combate, transforma os chefes em Poncius-Pilatos. (Aplausos).

Vaillant-Couturier mostra que as massas poderiam eventualmente apreender uma acção prematura, mas o facto de terem à sua frente chefes que lhes mereçam inteira confiança pode contê-las. O orador pronuncia-se depois sobre a defesa nacional:

—A nossa concepção foi exactamente definida por Cachin e Frossard. No princípio da guerra verificou-se que a cultura do fermento da vingança era os seus frutos. O espírito das crianças tinha sido preparado para responder a uma agressão. Mas, em 1914, foi a Rússia e não a Alemanha, a autora da agressão. (Aplausos). Estamos nas vésperas de uma guerra. Blum disse que um país devia defender-se quando fosse atacado. E' bem difícil discernir, no emaranhamento das causas de uma

guerra, quem foi o responsável. No entanto, não compreendo verdadeiramente a razão porque Blum e os seus amigos se recusam a votar os créditos de guerra.

Blum.—Falo em meu nome pessoal. Se houvesse uma maioria socialista no parlamento e um exército concebido em harmonia com a ideia socialista, um exército de milícias, eu votaria os créditos.

Vaillant-Couturier.—Supondes o poder público conquistado?

Blum.—Vou mais longe. Se a ajuda dos socialistas fosse necessária para constituir uma maioria que votasse as milícias, eu consentiria nessa ajuda.

Vaillant-Couturier conclui entre aplausos o seu discurso, e diz: «Quando o poder político estiver conquistado, o dever socialista é defender a nação».

O orador mostra que a conquista do poder político não é senão o começo da revolução. —A revolução não será apenas um trabalho de destruição mas será também um trabalho de construção. Teremos que empurrar-vos para o estudo dos problemas que surgirão após a revolução. «Mas como quereis que, no estado actual do Partido, onde não há uma reunião sem disputa, possa fazer-se esse estudo?»

Longuet pergunta:

—De quem é a culpa?

Vaillant-Couturier responde-lhe:

—As vias por que marchamos traças-te-las vós. Outrora estáveis pela adesão à III Internacional...

Longuet.—Há um facto que modificou todas as consciências inquietas: foi o abominável telegrama de Zinovieff.

(Continua)

A PROPÓSITO
—DO—
DEBATE DE OPINIÕES
A Ditadura do
Proletariado

de CARLOS RATES
—Preço 40 centavos—

Pedidos à administração
de A BATALHA

Coliseu dos Recreios
Hoje—A's 14 e 21 horas—Hoje
2—Magníficos espectáculos—2

Grande Companhia de Circo
O melhor e mais variado espectáculo de Lisboa
Os notáveis ciclistas
Ismay girls
Os aplaudidos acrobatas
Clementos
Os célebres equilibristas
Vetta & Manel
e todas as celebridades da companhia
O arrojadissimo domador Fortunio
4-leões-4 4-leões-4
que no dia 29 realiza a sua festa artistica
O melhor e mais variado espectáculo de Lisboa

Sociedades de Recreio

Grupo Dramático Luz e Progresso—Nesta sociedade realiza-se hoje, às 21 horas, uma festa promovida pelo amor das artes, a recitação de poemas, tendo a scena o drama em 5 actos, *A Rosa do Adro*.
Concentração Musical 24 de Agosto—Realiza hoje baile às 21 horas prefixas.
Academia Recreativa Leais Amigos—Continuação das festas do 2º aniversário, tendo a noite de hoje uma recita dedicada aos sócios e desempenhada pelo Grupo Dramático Actor Carlos Santos e uma comedia em 5 actos, *Mopos e Vellos*.
Sociedade Recreativa Camões—Continuação das festas do 2º aniversário, com recita aos 20 horas com duas comédias em 1 acto, *A Hospedaria do Rio Anastácio* e *Os deuses no pragão*.
Academia Filarmónica Verdi—Realiza hoje às 21 horas, uma recita dedicada aos sócios.
Os Modestos—Hoje, baile, às 21 horas.

Vida Sindical
COMUNICAÇÕES

Impressores Tipográficos—Retinui a direcção do concelho que hoje se efectua no Palácio da Real Casa da Moeda e convidar para o próximo quinta-feira e convidar por este meio todos os associados de empregados a inscreverem-se no Bolim do Trabalho.

Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas—Secção do Povo do Bispo.—Reunem amanhã os metalúrgicos desta secção para apreciação de assunto urgente. Espera-se que nenhum metalúrgico falte a esta reunião.

Secção de Oeiras—Na próxima terça-feira reúne esta secção com a presença dos delegados do S. U. M. para eleição dos corpos gerentes para o ano corrente.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Indústria Mobiliária—Comissão administrativa.—Em sua reunião apreciou um officio do S. U. Mobiliário de Lisboa, pedindo um delegado a sessão comemorativa do aniversário que hoje se realiza, tendo sido nomeado o secretário administrativo.

A fim de aclarar a nota desta comissão ao-o-tem publicada em A Batalha, deve-se ter em conta que em sua reunião foi apreendido um officio do Sindicato dos Cesteiros de Goncalves que inutiliza a realização do movimento pró-unificação do horário de 8 horas e o estabelecimento duma tabela de trabalho a executar dentro do mesmo horário, tendo sido incumbido o S. U. Mobiliário de Lisboa para se pronunciar em relação a officio sindical dos cesteiros, visto o movimento ser referente aos cesteiros de todo o país.

Trabalhadores de teatro—Realiza-se hoje, pelas 14 e 21 horas, na sede desta associação, rua do Mundo, 81, 2º, uma assembleia geral da classe para a discussão da reforma dos estatutos e eleição dos corpos gerentes.

Operários alfaiates—Am-nhã, pelas 21 horas, reúne a assembleia geral para apreciar o parecer da comissão revisora de contas, da comissão instaladora das oitinas sindicais, devendo com receer todos os com-pone-ntes da classe.

Trabalhadores Rurais de Lisboa—Realiza hoje a assembleia geral, às 20 horas, para eleição de novos corpos gerentes.

Operários alfaiates—Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas, para prosseguimento dos trabalhos pendentes da penúltima reunião.

Museu Bordalo Pinheiro

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, nas salas do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, 532, uma sessão solene.

O DEPURATIVO DIAS AMADO
Cuidado, muito cuidado!

Nada há mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser ludado por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circunstancia são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro específico deste nome, o único que está registado em todos os países da Convenção Internacional de António Dias Amado, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose óssea, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue.

Depósito geral—Casa do autor—Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho)—Lisboa.—Telef. 1667.

Porto—Farmácia Almeida Cunha, 4 rua Formosa, 327. (Esquina da R. da Prata LISBOA

Bolsa de Trabalho

GRATIS para os que procuram ocupação, não excedendo a 3 linhas; cada linha a mais 5 cts. Para os que procuram empregados 5 cts. a linha.

OFERECE-SE

Rapaz 15 anos, ler, e escrever à máquina. 4500 cêntimos, ou o que se combinar. Da maior idoneidade. C. Agostinho Carvalho, 41, 1.º.

Rapaz Chegado da provincia, para serviço de escritório ou casa particular. Rua da Rosa, 22, 2.º.

Aprendiz com prática de sercador. Rua do Arsenal, 100, 4.º E.

Homem para qualquer serviço. Escadarias das Olarias n.º 10, 1.º d.

Pianista. Senhora oferece-se para os dias do Carnaval e da Festa da Anfitriã, 58, 4.º.

Enfermeiro Para a Africa. Brazil com larga prática dos hospitais e roças. Carta a este jornal a C. M. A.

Impressor A aprendiz com prática. R. da Quintinha, 27 rje.

Impressor Meio officia. Traveza da Fabrica das Sedas, 30.

Oferece-se Criado para o serviço de casa de pensão. R. Santa Justa, 75, loja.

Creada Ca sa de per-cilindro, indicadas a Classe dos Impressores Typográficos.

PRECISA-SE

Serralleiro civil R. Neves Pide de A. L. (ao Apêndice do Régio).

Marçano Com prática de p. phores, que de fiação Largo da Graça, 48 e 52.

Impressores de m. cilindro, indicadas a Classe dos Impressores Typográficos.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Realizando-se hoje, pelas 15 horas, o funeral dum filho do camarada Lindor Arur Lourenço, o Sindicato Unico Metalúrgico convida os metalúrgicos a acompanhar o mesmo funeral, que sai da rua de Santa Cruz, ao Castelo, n.º 7.

Aos camaradas rurais

Numa comuna que se acaba de fundar próximo de Sintra, possuindo uma fazenda de 36 hectares, duas nascentes, poeira e saibreira, admitte-se, para fazer de um sócio competente e acostumado ao labor agrícola. Prefere-se que seja vegetariano e sem vícios.

ANÚNCIOS ECONÓMICOS

Para compras, vendas, alugueis, trocas, etc., até 3 linhas 20 cts. cada linha a mais 10 cts.

Chapelaria E' em A SOCIAL onde os operários de divem adquirir chapéus. Há todas as variedades. Sede e sucursais: Rua Fernandes da Fonseca, 34, R. S. Bento, 71 — Rua do Corpo Santo, 19 — Rua Arco do Alentejo, 56.

Estoque e pinturas. Todos os trabalhos deste género encarregas-se J. B. Bacelar, C. Santana, 179, 2.º.

Loja pequena tomada de transacção. Carta a M. F. R. dos Retozeiros, 70, 3.º, frente.

Acetam-se anúncios nas agências: Rua Augusta, 270, 1.º, Rua Aveira, 30 e Rua dos Retozeiros, 147.

CARVÃO VEGETAL

Desobro e azinho para particulares, posto nas estações Alcântara-Terra ou Lisboa-Jardim. Quem pretender qualquer quantidade, façam os seus pedidos em Lisboa, Calçada de S. Lourenço, 23-3.º D. Em Alcântara, Rua da Costa, 70, 72.

TEATROS & CINEMAS

Reclamos

Não diminui o êxito da linda peça de Nicodem de *Camilo* do 4.º. Unção de Mario Duarte e Alberto Moraes, que toda a companhia Aura Abranches interpreta primorosamente. O Politeama tem sempre sobejas casas e os aplausos a Aura Abranches, Adelina Abranches, Sarmiento, Alves da Silva, Valério de Rajato e Laura Per-nantes, sem esquecer os restantes intérpretes, confirmam quanto a peça tem agradado.

—Coliseu dos Recreios—Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios, dois magníficos espectáculos, em moné e 4.º sítio, em que entram todos os artistas da companhia que, das noites são aplaudidíssimos. O p. lico de Lisboa fez, naquela vasta casa de espectáculo o seu ponto de refúgio, certo como está, de que gosa ali o melhor espectáculo dos que se exibem na capital.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21, 15—O Calvário.
SÃO LUIZ—A's 21—Sibyll.
GNASIO—A's 21—A madrinha de Char-ley.
POLITEAMA—A's 21—A Caminho do Sol.
TRINDADE—A's 21—A Severas.
AVENIDA—A's 21—A Inimiga.
EDEN—A's 21—Coma real, revista.
APOLO—A's 21—Burro em pé, revista.
SALÃO FOZ—A's 19,30—Companhia de variedades.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Gran-de companhia de circo.
Variedades e Animatografos—Salões: Olimpia, Centro, Chado Terrace, Anjos, Trindade, Promotora, Portugal, e Cine Paris, Ideal Chantelet.

Cimento inglês
MARCA



em barricas de 150 quilos. O mais resistente e o de mais rápida solidificação.

Vendem:
ANTONIO M. VIANNA L.
Rua Arco Bandeira, 30
Telef. 162-C.—LISBOA

América do Norte, Brasil, Argentina, Colónias e Europa

Tratam-se de documentos para passaportes e passagens em qualquer classe, com a maior brevidade para todas as pessoas.

GABRIEL LUIS, agente habilitado—RUA DE S. JULIÃO, n.º 32, 3.º.—LISBOA.

SIM, SENHORA?...

Uma galinha por 30\$00 escudos

Ontem na Praça da Figueira a venda das galinhas assumiu já o carácter de transacções de pura riquesa. Assim houve que desse dezenas de escudos pelas tradicionais aves da culinária do Natal, o que fez a sensação de todos os pobres que presenciaram tam caras aquisições. Uma das galinhas, sobreo exemplar duma rara corpolleidade, foi comprada por 30 escudos. Aos quem a adquiriu, pouco depois que ele não fora cara, visto que agarrado às pernas pendia 1 par de botas de Cal-preto, de bom fabrico e feito na SAPATARIA SOCIAL OPERARIA, que custou lá 19\$00, o que proveu depois que a galinha fora barata.

Fui lá e vi sapatos para senhora, de Cal-preto, a 1\$50. Botas brancas, com 2 solas, a 1\$00. Botas de Cal-preto, para menina, a 8\$50. Botas brancas para rapaz, a 7\$00. Botas de Cal-preto, com 2 solas, a 1\$00.

Pois só lá se encontra barato. —Ver e crer como S. Tomé

Desconto a quem apresentar o jornal A BATALHA.

A' SOCIAL OPERARIA

18, Rua dos Cavaleiros, 20

CAPINHOS

MORGAN & SALAMANDER

Fornos para fundição "Morgan"
Plombagina
Artigos de barro refractário

PREÇOS MAIS BARATOS

A. BLACK, L. D

Rua da Boa Vista, 30 e 32 — Telefone C. 1026